



## O Ensino de línguas e a globalização

**Marlon Freire de Melo**  
Prof.<sup>o</sup> do Colégio de Aplicação  
UFPE



A prática pedagógica dominante desconhece, no meu ponto de vista, os problemas ligados às estratégias de acesso à leitura e à cultura. Esse problema é gritante, sobretudo nas classes de língua estrangeira. No dispositivo escolar tradicional, os métodos de língua são muitas vezes inacessíveis, considerando o seu valor de mercado. Entretanto, a dificuldade de acesso ao material didático não acontece apenas com relação ao valor deste, mas também através de sua concepção e sua relação com o universo do aluno.

Como professor de língua estrangeira do Colégio de Aplicação (CAp/UFPE), tenho visto a grande dificuldade dos alunos em trabalhar com o manual escolar que adotamos. Já tentamos vários métodos, no ensejo de termos alunos participantes do processo de aprendizagem. Ao longo dos anos, e depois de várias tentativas, comecei a observar que a dificuldade dos alunos não diminuía muito entre um manual e outro. Percebi que era a realidade do manual que não correspondia à realidade dos alunos.

Os manuais escolares que usamos, todos planejados e editados no exterior, não trabalham com a realidade dos nossos alunos, sobretudo os de escola pública, como é o caso do Colégio de Aplicação.

As competências culturais dos alunos, fundamentais num processo de aprendizagem, não são postas em prática. Começa então o "choque cultural" entre o universo do aluno e o universo do livro escolar.

Partindo desse problema, começamos a analisar qual seria a melhor maneira de trabalharmos com o capital cultural dos alunos nas nossas aulas. Vimos que nossos alunos têm uma experiência cultural que vai além da experiência "livresca", e que se nós os limitarmos à realidade do livro, estaremos

condenando-os a uma aprendizagem abstrata, descontextualizada.

É talvez essa uma das razões por que a escola de hoje contribui, através de sua omissão, no que diz respeito ao universo cultural do aluno, para aquilo que Jean-Claude Passeron chama de "transformação vergonhosa", que faz nascer as diferenças sociais e os preconceitos.

O discurso utilizado para justificar essa transformação é o da globalização. Em nome dela culturas inteiras estão desaparecendo, cedendo lugar a algo que tenta representar valores que não nos pertencem, que não estão inseridos na nossa cultura. É importante não confundirmos herança cultural, que são os valores e costumes que herdamos, resultado de nossa miscigenação, de nossa diversidade.

A cultura da globalização tenta nos ludibriar, vendendo a imagem de uma interação entre povos e nações. Mas o que vemos exatamente é uma imposição de valores que satisfazem apenas aos interesses capitalistas. Assim, nosso folclore e nossas tradições vão perdendo espaço para as diferentes manifestações da cultura estrangeira.

Pode parecer um pouco contraditório que um professor de língua estrangeira faça esse tipo de crítica, mas é justamente por ver que o ensino de línguas hoje tem se transformado em um "exterminador" da cultura local, quando se supervaloriza a cultura do país cuja língua ensinamos, em detrimento da nossa própria cultura.

Em um país como o nosso, sem memória, esse processo tende a fazer com que os alunos passem a dar valor apenas ao que é estrangeiro, ao que vem de fora, gerando neles uma imagem negativa de sua própria cultura.

Mais uma vez, gostaria de dizer que não preconizo que seja abolida as referências às culturas estrangeiras nas aulas de língua, mas que não precisamos denegar a nossa própria cultura, ou até mesmo abandoná-la, para que tenhamos uma aula de língua estrangeira com qualidade.

Creio que a riqueza nasce justamente da contribuição que uma cultura pode dar à outra. A nossa quadrilha junina, por exemplo, tão popular na região, tem uma forte influência da cultura francesa. As nossas danças e comidas regionais receberam muitas influências das culturas africana e européia. Foram adaptadas ao nosso estilo, ao nosso jeito de ser. É diferente das relações puramente de subordinação, que acontecem, por exemplo, com festas como o halloween, que é tipicamente americano e não abre espaço para regionalismos. E essa influência dominante atinge todos os patamares da sociedade. Fiquei perplexo quando, há algum tempo, em uma conferência na reitoria da UFPE, o mestre de cerimônias do evento, anunciando que teríamos uma pausa para um café, disse: "teremos agora o coffee break". Será que a "pausa para o café" não resumiria melhor esse momento gostoso em que as pessoas se encontram, no intervalo de um evento, e comentam sobre o mesmo, se cumprimentam, se conhecem?

Por mais intransigente que possa parecer esse meu discurso, afirmo que o seu objetivo é totalmente oposto. Vejo a defesa da cultura brasileira, nesses tempos de globalização, como uma forma de defender todas as culturas do mundo, sobretudo aquelas que estão perdendo espaço, morrendo aos poucos. Vejo isso também como sendo meu papel, como educador, de valorizar a bagagem cultural dos meus alunos, contribuindo assim para diminuir as distâncias sociais. Faço minhas as palavras de Paulo Freire, quando diz: "me movo como educador, porque primeiro me movo como gente".

## Expediente

Arte Sensu é uma publicação da ADUFEPE - Associação dos Docentes da UFPE  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CDU - Recife/PE - Caixa Postal: 7853  
CEP 50740-970 - www.adufepe.com.br - artesensu@adufepe.com.br

Responsável: Prof. Evson Malaquias  
Jornalista: Helem Olimpia (Reg. 1572)  
Projeto gráfico: Gilmar Rodrigues

Ilustrações: Wilton Pontes e Gilmar Rodrigues  
Tiragem: 2.200 exemplares